

# JULES VERNE, TITÃ MODERNO: UMA EXTRAORDINÁRIA VIAGEM AO CENTRO DA DOCUMENTAÇÃO

JULES VERNE, MODERN TITAN: AN AMAZING JOURNEY TO THE CENTER OF  
THE DOCUMENTATION

Junia Barreto<sup>1</sup>

Pedro Henrique Alcântara<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ao longo dos tempos, assistimos grande parte da crítica e da mídia tratar a obra de Jules Verne enquanto ficção científica, atribuindo ao autor até mesmo a paternidade do gênero. Nessa perspectiva, seu trabalho seria fruto de uma imaginação altamente inventiva, quase profética, antevendo a criação de vários inventos tecnológicos. Porém, considerando o curso da vida e do trabalho literário de Jules Verne, as intensas pesquisas do romancista junto a especialistas, com os mais diferentes documentos, revistas científicas e jornais fomentaram a criação de um novo gênero poético-fantástico, baseado nas mais diversas navegações e viagens ao redor do planeta, um *theatrum mundi*, exprimindo vários roteiros e apresentando uma espécie de incorporação dos conhecimentos. Publicadas na época das Exposições Universais, as ditas *Viagens Extraordinárias* impulsionam os leitores ao centro da descomunal documentação verniana, para sonhar com os limites da experiência humana: a literatura verniana trata do espetáculo do mundo ligado com as possibilidades fascinantes do progresso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jules Verne; Documentação; Viagens Extraordinárias; Progresso; Exposições Universais.

**ABSTRACT:** Over time, we have seen much of the criticism and media treat Jules Verne's work as science fiction, even attributing to the author the paternity of the genre. Under such perspective, his work would be the fruit of a highly inventive imagination, almost prophetic, foreseeing the creation of various technological inventions. However, considering the course of

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Doutora em Littérature et Civilisation Françaises pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) – França. Realizou estágio pós-doutoral no Laboratoire LIRE, atual IHRIM (Institut d'Histoire des Représentations et des Idées dans les Modernités) da Université Lyon 2 – França e no Institut ACTE (Arts-Créations-Théories-Esthétique), da Université Panthéon-Sorbonne/Paris 1 – França. Professora Associada da Universidade de Brasília – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0212-9460>. E-mail: [juniabarreto@unb.br](mailto:juniabarreto@unb.br).

<sup>2</sup> Mestrando em Literatura na Universidade de Brasília. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7591-5932>. E-mail: [phalcantara2011@hotmail.com](mailto:phalcantara2011@hotmail.com)

Jules Verne's life and literary work, the novelist's intense research together with the most different documents, scientific journals and newspapers fostered the creation of a new poetic-fantastic genre, based on the most diverse navigations and trips around the planet, a theatrum mundi expressing several scripts presenting a kind of incorporation of knowledge. Published at the time of the Universal Exhibitions, the so-called Extraordinary Voyages propel the readers to the center of the vernian documentation, to dream about the limits of human experience: vernian literature is about the spectacle of the world connected with the fascinating possibilities of progress.

**KEYWORDS:** Jules Verne; Documentation; Amazing journeys ; Progress ; Universal Exhibitions.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XIX é considerado um momento de grande virada na história mundial. As mudanças inéditas decorrentes da modernização e da Revolução Industrial implicaram numa busca frenética por novas tecnologias e em avanços rapidamente experimentados pela sociedade. Na França, tais tecnologias eram vulgarizadas através de jornais, revistas científicas, exposições e publicações as mais diversas. Constata-se uma incontornável aceleração do tempo e da história que, obviamente, se manifestou, também, nas diferentes formas artísticas. No campo literário, muitos foram os autores que representaram e refletiram sobre os progressos de seu tempo, seja de forma otimista ou pessimista.

Jules Verne desponta no centro desse turbilhão de avanço técnico no século XIX com suas *Viagens Extraordinárias* - coleção de mais de 60 obras entre romances e novelas publicadas entre 1863 e 1919, e que se popularizou em toda a França e através do mundo, visto as inúmeras traduções empreendidas nos mais diversos idiomas logo de sua divulgação. A sra. Verne diria à jornalista Marie Belloc, em 1895:

« Aqui (...) há várias edições dos livros do Sr. Verne, em francês, alemão, português, holandês, sueco e russo, incluindo uma tradução em japonês e árabe da *Volta ao mundo em vinte e quatro dias* », e minha amável anfitriã abriu as estranhas páginas encadernadas de

tecido nas quais cada pequeno árabe pode ler as aventuras de Philéas Fogg.<sup>3</sup>

À época, não apenas leitores, mas também especialistas de diferentes campos aguardavam ansiosos para ler as novas publicações do autor, em edições ilustradas e apresentadas em volume, a cada ano, pelas edições Hetzel.

Com o apoio do editor Pierre-Jules Hetzel<sup>4</sup>, Jules Verne ganha a graça do público ao vulgarizar em sua obra muitos dos conhecimentos que lhes eram contemporâneos. Ao mesmo tempo em que tinham um material de entretenimento nas mãos, os leitores podiam se inteirar das descobertas e novidades tecnológicas da época. Através do tecido narrativo, Verne tornou possível, ao grande público, viajar por lugares extraordinários e através de meios inusitados; do centro da Terra à Lua, em expedições exploratórias com um balão ou um submarino. Em seu prefácio à edição do romance *Les aventures du capitaine Hatteras* (1866) [As aventuras do capitão Hatteras], Hetzel afirma que Verne aparenta ali “[...] resumir todos os conhecimentos geográficos, geológicos, físicos, astronômicos, acumulados pela ciência moderna, e refazer, sob a forma atrativa e pitoresca que lhe é própria, a história do universo.”<sup>5</sup>

Como seu próprio tempo, Verne era um homem de velocidade, um trabalhador infatigável, que passou mais de meio século prolongando e extrapolando as conquistas e descobertas de sua época, através de seus

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. Em francês: « Ici (...) il y a diverses éditions des livres de M. Verne, en français, allemand, portugais, néerlandais, suédois et russe, y compris une traduction en japonais et en arabe du *Tour du monde en quatre-vingts jours* », et mon aimable hôtesse ouvrit les étranges pages reliées de vélum où chaque petit Arabe peut lire les aventures de Philéas Fogg (*L'Express*, 1999)

<sup>4</sup> Republicano fervoroso, o editor e, também escritor foi chefe do gabinete do ora ministro de Relações Internacionais, Alphonse de Lamartine, em 1848.

<sup>5</sup> Tradução nossa. Em francês : « [...] résumer toutes les connaissances géographiques, géologiques, physiques, astronomiques, amassées par la science moderne, et refaire sous la forme attrayante et pittoresque qui lui est propre l'histoire de l'univers. » *Apud* Scheinhardt, Philippe.

romances, novelas, peças teatrais, poemas e até mesmo canções. Viajante e navegador ele mesmo, se revelou um autor que vibrava e criava na interseção entre presente e futuro, que estudava freneticamente e se inteirava cotidianamente sobre seu tempo, a fim de reunir uma rede rica em informações, e a documentação necessária a consultar, para dela se nutrir em proveito da construção do tecido ficcional. Para além de sua própria curiosidade, Verne contou com a especialização de fiéis colaboradores do campo científico, tais como o primo e matemático Henri Garcet ou o engenheiro de minas, Albert Badoureau<sup>6</sup>, entre tantos outros. O que não impediu os ataques sofridos por parte da crítica quanto à falta de seriedade científica, por exemplo, do romance *De la terre à la lune* (1865) [Da Terra à Lua].

Mas Verne não se pretendia engenheiro ou técnico, muito menos cientista; ele é poeta. Nossa hipótese é de que suas criações técnicas ao longo de sua obra funcionam, sobretudo, como *machinerie théâtrale*<sup>7</sup> [maquinário teatral]. A precisão técnica que desponta de sua ficção nada seria além de jogo, sem pretensão de exatidão científica no absoluto. Acreditamos que, aquilo que propõe o autor a seu leitor é uma viagem através do acervo, da biblioteca, repleta de informações, documentos, leituras e novidades civilizacionais;

---

<sup>6</sup> Realizador dos cálculos sobre os quais se fundam a intriga do romance *Sans dessus dessous* (1889), que traz uma reflexão - de atualidade perturbadora - sobre os excessos do progresso técnico e industrial, e suas consequências para o futuro do planeta.

<sup>7</sup> *C'est l'ensemble des appareils avec leurs accessoires, et des dispositifs contenus dans tous le volume scénique, destinés à aider la mise en œuvre pour le plateau de tous les matériels stables, mobiles, aériens ou non, concourant à la scénographie d'un spectacle. La machine au théâtre est à la fois instrument et agencement. Elle permet et commande tous les mouvements scéniques mécaniques. Elle a une fonction de service mais aussi de jeu.* In : *L'envers du décor à la Comédie française et à l'Opéra de Paris au XIXe siècle*, 2012, p. 06

Tradução nossa: É o conjunto de máquinas com seus acessórios, e dos dispositivos contidos em todo o volume cênico, destinados a auxiliar na implementação, para o tablado, de todos os materiais estáveis, móveis, aéreos ou não, contribuindo para a cenografia de um espetáculo. A máquina no teatro é tanto instrumento quanto agenciamento. Ela permite e controla todos os movimentos cênicos de ordem mecânica [do palco ou mesmo instalados externamente]. Tem uma função de serviço, mas também de jogo.

material que nutre seu fértil imaginário e que, juntos, compõem o pano de fundo criativo de suas viagens extraordinárias.

## 2 JULES VERNE: DO DIREITO À LITERATURA

O pai de Jules Verne, Pierre Verne comprou em 1826 um cartório na cidade de Nantes e casou-se no ano seguinte com Sophie Allotte de la Fuÿe. Desta união nasceram cinco filhos: Jules (8 de fevereiro de 1828), Paul, Anna, Mathilde e Marie. A então ilha Feydeau, local de nascimento de Verne, era, naquele tempo, realmente uma ilha, encerrada entre os dois braços do rio Loire. Verne ali passou os primeiros quatorze anos de sua vida. O imóvel da família, situado no número 2 do *Quai Jean-Bart*, dava para a confluência dos rios Loire e Erdre. Da casa de campo familiar, em Chantenay (antigo vilarejo, hoje anexado por Nantes), podia-se ver a atividade do porto se desenvolver até o coração da cidade. Verne viu o mar pela primeira vez aos doze anos, mas as ilhas, portos e navios, que viriam a ser os temas preferidos de tantas das suas obras, já faziam parte, há muito tempo, de sua vida e sonhos.

As manifestações literárias sempre estiveram presentes no seio da família Verne. Era comum que praticassem com apreço e prontidão o que se chama de poesia de circunstância: nascimentos, casamentos e festas eram a ocasião para celebrar em verso as alegrias do amor e da família. Jules começou a fazer versos ainda muito jovem: “Desde os doze ou quatorze anos” - diria ele em 1904 a um jornalista - “Sempre tive um lápis comigo e desde quando frequentava a escola, eu não parava de escrever, fazendo, sobretudo, poesia”. Foi na adolescência que começou a preencher os dois cadernos com poemas que o acompanharam ao longo da vida e que permaneceram inéditos mesmo após sua morte, em 1905, sendo publicados tardiamente, em 1989.

Jules Verne se revelou também letrista, fornecendo ao seu amigo e compositor Aristide Hignard, alguns poemas para musicar. Essas canções,

reunidas em uma coleção, apareceram em 1857 com o título de *Rimas e melodias*.

Mas o patriarca Verne estava decidido em fazer de Jules advogado, para assumir a sucessão dos negócios. Foi assim que, em 1847, ele começa seus estudos de direito. Nesse mesmo ano, Verne também se inicia na escrita de pequenas peças para o teatro. Já se anunciava, ali, que a carreira como advogado não era exatamente o que o jovem autor estava à procura. Seus anseios e potencialidades se ligavam ao mundo das artes e tão precariamente ao mundo jurídico.

No início da década de 1850, Jules Verne se muda definitivamente para Paris, afim de terminar seus estudos. Naquele momento, ele ainda não sabia que seria escritor, mas sabia que não seria advogado. O cartório de seu pai aguardaria em vão que ele assumisse seu comando. Ao final de seus estudos, Verne prefere os prazeres da vida parisiense e o recolhimento das bibliotecas, renunciando definitivamente a uma carreira de jurista. Em Paris, torna-se frequentador assíduo das bibliotecas e arquivos, devorando os trabalhos de exploradores e as obras que discutiam as inovações científicas. Ao mesmo tempo, lia avidamente os dramas de Victor Hugo, Alexandre Dumas, Alfred de Vigny, assim como as comédias de Alfred de Musset, sem esconder sua preferência por dois autores clássicos: Molière e Shakespeare.

Jules Verne sempre se considerou dramaturgo. Já aos 17 anos escrevera dramas românticos inspirados em Victor Hugo, mas foi com o vaudeville e a opereta que obteve os primeiros reconhecimentos. Em 1850 escreveu, em colaboração com Alexandre Dumas, a peça *Les pailles rompues* [As palhas partidas], comédia em 1 ato escrita em versos. Graças a Dumas, Verne pôde fazer encena-la no *Théâtre Historique* (rebatizado posteriormente de *Théâtre-Lyrique*), do qual mais tarde se tornou secretário. Entre outras criações, em 1853, a comédia *Le colin-Maillard*, em colaboração com Michel Carré e música

do fiel Aristide Hignard, foi encenada no mesmo teatro. Anos depois, os modestos sucessos sob a cena se tornaram triunfos, quando Verne adaptou para o palco, em colaboração com Adolphe D'Ennery, seus romances *Le tour du monde en quatre-vingts jours* (1874, Théâtre de la Porte Saint-Martin) [Volta ao mundo em oitenta dias], *Les enfants du Capitaine Grant* (1878, Théâtre de la Porte Saint-Martin) [Os filhos do capitão Grant] et *Michel Strogoff* (1880, Théâtre du Chatêlet). O *know-how* do dramaturgo unido ao esplendor da encenação para um grande espetáculo encheram diariamente os teatros durante meses. É, portanto, tanto ao teatro - sua primeira vocação, quanto aos romances, que Jules Verne deve sua fama e fortuna.

A experiência dos primeiros contatos com a cena mergulha Jules Verne no domínio literário de forma determinante, mas ele não deixa de defender sua tese em Direito no ano de 1850. Seu pai insistia na continuidade da prática jurídica, que ele recusará veementemente, dizendo que a única carreira que o interessa é a das Letras. Para completar seu orçamento em Paris, Verne passa a dar aulas e a escrever para a revista *Musée des familles*<sup>8</sup>, em 1852. Ali publica *Les premiers navires de la marine mexicaine* [Os primeiros navios da marinha mexicana] e *Un Voyage en ballon* [Uma viagem de balão], textos que prenunciam o autor das *Viagens Extraordinárias*, e novelas, como *Martin Paz*, narrativa histórica em torno de uma intriga sentimental e a rivalidade étnica entre espanhóis, indígenas e mestiços no Peru.

Em 1862, Jules Verne apresenta ao editor Pierre-Jules Hetzel o

---

<sup>8</sup> O *Musée des familles* [Museu das Famílias], com o subtítulo *Lectures de la nuit* [Leituras da noite], foi um dos primeiros periódicos ilustrados de baixo custo do século 19 na França. Émile de Girardin, seu fundador, almejava torná-lo um "Louvre popular", acessível a famílias modestas e com pouca cultura, mais atraídas por imagens do que por textos. O jornal surgiu em outubro de 1833, findando em junho de 1900. Publicou, sempre de forma ilustrada, inúmeros e variados artigos, bem como as primeiras versões de romances renomados sob a forma de folhetim. Por meio de contos, novelas em série, relatos de viagens reais e fictícios, publicou autores como Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Paul Féval, Théophile Gautier, Eugène Sue, Victor Hugo e Jules Verne, além de ilustradores do porte de Paul Gavarni, Grandville, Tony Johannot, Honoré Daumier, entre outros. (fonte: wikipedia)

manuscrito de *Cinq semaines en ballon* [Cinco semanas em um balão]. Após análise do material, Hetzel aceita trabalhar com Verne, com quem assina um contrato que engaja o autor pelos vinte anos seguintes, em uma de suas mais frutíferas parcerias. A partir desse encontro, Verne desenvolverá sua renomada e popular coletânea, conhecida como as *Viagens Extraordinárias*, cujo romance *Cinq semaines en ballon*, publicado em dezembro de 1862, é o ponto de partida triunfal<sup>9</sup> da carreira romanesca do autor.

A parceria com o editor Hetzel demandou a vulgarização dos textos de Verne via a colaboração regular do autor com a recém surgida revista à época, *Magasin d'Éducation et de Recréation* [Boutique de educação e de recreação]. Ali, os textos do escritor eram publicados em partes e, ao final de cada ano, propunha-se um volume do romance, anteriormente distribuído em folhetim ao longo do período. É assim que, no início de 1864, serão publicadas nas colunas do periódico *Les Aventures du Capitaine Hatteras* [As aventuras do Capitão Hatteras], antes mesmo da publicação do romance em volume. Alguns de seus romances, como *De la terre à la lune* (1865) e *Autour de la lune* (1870) [À volta da Lua] foram publicados sob o mesmo formato (1º em folhetim, em seguida em volume), mas pelo austero *Journal des débats* [Jornal dos debates]. Desde o início de sua carreira, Verne revela ter dois tipos de público bastante distintos: um público de adolescentes que assegura o sucesso do *Magasin d'éducation et récréation* e um público de adultos, aficionado pelo « jogo » científico proposto pelo autor. O contrato de Verne com Hetzel produziu romances e novelas para seus leitores por anos a fio. As *Viagens Extraordinárias* abarcam 62 romances e 18 novelas; além de outros romances e novelas, obras teatrais, pequenas óperas, poemas, canções, ensaios, discursos e estudos históricos que o autor empreendeu e publicou ao longo de sua carreira, incluindo aqueles que foram editados de maneira póstuma, após 1905.

---

<sup>9</sup> O sucesso alcançado pelo romance se dá, inicialmente, na França e, em seguida, mundo afora.



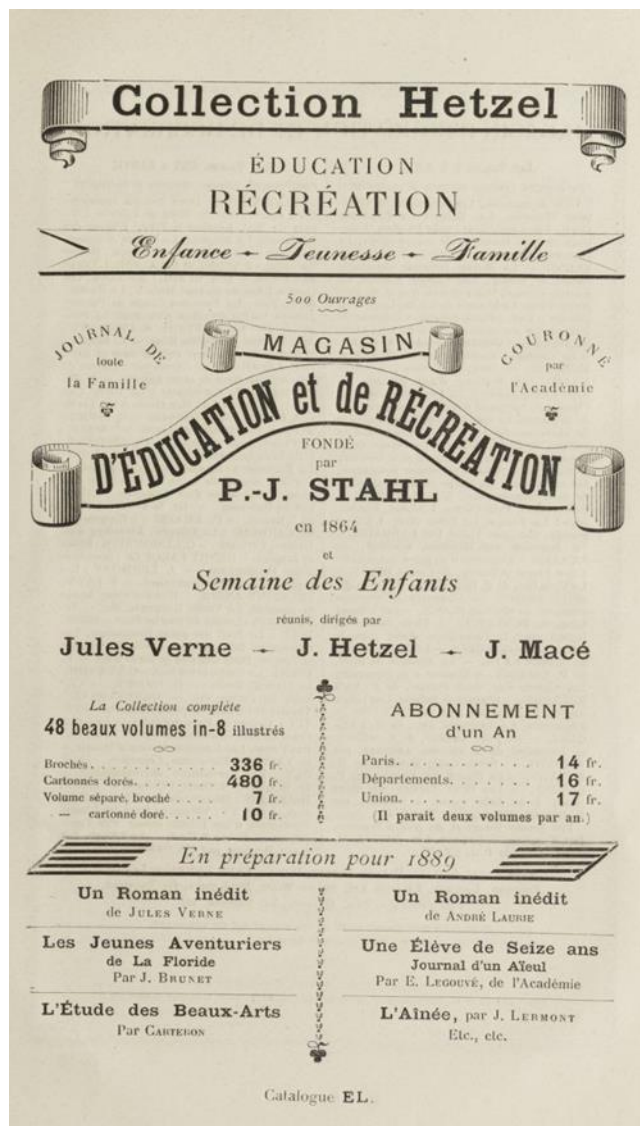


Figura 1 Catálogo do *Magasin d'Éducation et de récréation*, mostruário das publicações para o ano de 1889.

Fonte: *Bibliothèque Nationale de France/gallica.bnf.fr*

Com o distanciamento da vida jurídica, Verne ganhou muito mais destaque como escritor, cujo terreno era propício para expor toda a sua engenhosidade e lhe permitiu melhor explorar sua expertise na junção das temáticas de sua contemporaneidade, aliando sua curiosidade de pesquisador

e arquivista e seu imaginário inventivo. Para além da alcunha de ‘pai da ficção científica’, Verne nos parece mais interessado na vulgarização de preocupações, descobertas e pesquisas que reverberavam em seu tempo, que na criação de um gênero.

Sua ficção permitia (e permite ainda) aos leitores viajarem para os recantos mais incomuns e, por vezes, desconhecidos. Jules Verne era, antes de tudo, um leitor obstinado, um bibliófilo contumaz e um arguto estudioso, o que lhe permitiu adquirir bastante conhecimento para escrever romances, plenos de informações de especialistas, pesquisadores, exploradores e tantos outros criadores de conceitos e instrumentos nas mais diferentes esferas do conhecimento. A exploração geográfica é um dos fatores que mais figura em suas narrativas. Muitos cientistas e especialistas integraram o grupo de pessoas que foram essenciais na assistência a Verne para a manipulação de conhecimentos técnicos nos mais diferentes campos, e que compõem as aventuras extraordinárias. Essas fontes permitiram que a obra verniana se materializasse de maneira plural, juntamente à criação ficcional nos moldes tradicionais da época.

### **3 COMPOSIÇÕES VERNIANAS EXTRALITERÁRIAS**

Para além de sua vasta e surpreendente composição literária, Verne se empenhou no empreendimento de ampla pesquisa para a composição de obras não literárias que, de igual modo, lhe renderam grande reconhecimento e fortuna ao longo de sua carreira. O trabalho extremamente exigente e aprofundado levou o autor à criação de uma produção por vezes de aspecto analítico e crítico, outras de fundo histórico.

Desde 1848, Jules Verne já refletia sobre a sociedade de seu tempo, o que comprova seu ensaio político *La Pologne : Y a-t-il obligation morale pour la*

*France d'intervenir dans les affaires de la Pologne*<sup>10</sup> [Existe obrigação moral para a França de intervir nos assuntos da Polônia?], sobre a insurreição polonesa de 1848, reprimida violentamente pela coalisão austro-russo-prussiana e que suscitava debates acalorados na França àquela época; questão sobre a qual ele se documenta e se posiciona, respondendo-a negativamente.

Em 1857 Verne publica *Salon de 1857*, obra de crítica artística que aparece pela primeira vez na *Revue des beaux-arts* [Revista das belas artes], do número de 15 de março até o número de setembro de 1857. Trata-se de uma retrospectiva das obras expostas no Salão do referido ano, do qual Verne foi atento espectador. Dos 2.700 artistas presentes ao Salão, ele escolhe 300 para comentar, assim como 500 dos seus quadros expostos, analisando cada uma das obras. Nesse mesmo volume ele edita um breve artigo de 600 palavras, cujo objeto é a obra do compositor e amigo Victor Massé, intitulado *Portraits d'artistes : XVIII*.

Em 1863, Verne publica no *Musée des familles*, seu primeiro texto ligado à reflexão tecnológica, *À propôs du Géant* [Acerca do Gigante]. O *Gigante* em questão é um enorme balão de seis mil metros cúbicos, criado pelo caricaturista, escritor, aeronauta e fotógrafo, Nadar. Longe de comentar as várias tentativas da máquina, Verne se interessa ali pelo desenvolvimento do helicóptero, preconizado por Gustave Ponton d'Amécourt. Nadar militava junto a este em favor dos *mais pesados que o ar*. Ponton d'Amécourt fundou com Guillaume J. G. de La Landelle a *Sociedade de incentivo à locomoção aérea por meio de aparelhos mais pesados que o ar*, da qual Verne era o censor e que reunia nomes ilustres, incluindo o de Victor Hugo.

---

<sup>10</sup> Manuscrito escrito das próprias mãos de Jules Verne, mas sem assinatura. O documento foi assinalado pela primeira vez pelo pesquisador e professor Daniel Compère, especialista da obra verniana. A cidade de Nantes comprou o manuscrito da família Verne para o *Musée Jules Verne* em 1981 e o mesmo foi publicado pela primeira vez em 1988 nos *Cahiers du Musée Jules Verne* nº 8.

Em 1864 Verne publica um estudo das obras de Edgar Allan Poe, *Edgard Poe et ses œuvres*, no mesmo periódico *Musée des familles*. O autor americano era uma verdadeira fonte de inspiração para Jules Verne, que se debruçou sobre a obra e a crítica de Poe, para a composição de seu estudo literário, que ele desenvolvera por volta de 1862. Assim se inicia o texto:

Voici, mes chers lecteurs, un romancier américain de haute réputation ; vous connaissez son nom, beaucoup sans doute, mais peu ses ouvrages. Permettez-moi donc de vous raconter l'homme et son œuvre ; ils occupent tous les deux une place importante dans l'histoire de l'imagination, car Poë a créé un genre à part, ne procédant que de lui-même, et dont il me paraît avoir emporté le secret ; on peut le dire *chef de l'École de l'étrange* ; il a reculé les limites de l'impossible ; il aura des imitateurs. Ceux-ci tenteront d'aller au-delà, d'exagérer sa manière ; mais plus d'un croira le surpasser, qui ne l'égalera même pas. » (*Musée des Familles*, abril 1864, p. 193-208).<sup>11</sup>

Apaixonado pelos estudos geográficos, o autor também realizou alguns trabalhos nesse campo. Entre 1867 e 1868 Verne desenvolveu um estudo geográfico intitulado *Géographie illustrée de la France et de ses colonies* [Geografia ilustrada da França e de suas colônias], obra que contou com o texto introdutório – *Étude sur la géographie Générale de la France* [Estudo sobre a geografia geral da França]– de Théophile Lavallée (1804-1866), renomado historiador e geógrafo francês da época, com ilustrações do pintor e litógrafo Hubert Clerget e do pintor e ilustrador Édouard Riou, e mapas feitos por Constans. Jules Hetzel publicou a obra pela coleção *Bibliothèque d'Éducation* [Biblioteca de educação]. Com a venda dos exemplares o autor angariou

<sup>11</sup> Tradução nossa: Eis aqui, caros leitores, um romancista americano de grande reputação; muitos de vocês conhecem seu nome, sem dúvida, mas poucos as suas obras. Permitam-me, então, contar a vocês sobre o homem e sua obra; ambos ocupam um lugar importante na história da imaginação, pois Poe criou um gênero particular, procedente apenas dele mesmo, e do qual, me parece, ele levou o segredo; podemos chamá-lo *chefe da escola do estranho*; ele renunciou aos limites do impossível; ele terá imitadores. Esses tentarão ir além, exagerar à sua maneira; mais de um acreditará poder superá-lo, mas sequer se igualará a ele.

milhares de francos:

(...) j'ai acheté des passages pour le *Great Eastern*, le plus grand navire du moment. Un pour Paul<sup>12</sup> et un autre pour moi. Selon l'habitude, ma femme et les enfants iraient m'attendre en Amiens. Après tout, elle n'a pas été nui. Les milliers des francs que j'ai gagné avec la *Géographie illustrée de la France* l'on mené au délire : elle a renouvelé et multiplié sa garde-robe rien du tout franciscain...<sup>13</sup>

Ainda no campo da geografia, podemos citar outro exemplo de estudo empreendido pelo autor, a obra *Histoire Générale des Grands Voyages et des Grands Voyageurs* [História geral das grandes viagens e dos grandes viajantes] dividida em três tomos, a saber: *Les premiers explorateurs; Les grands navigateurs du XVIIIe siècle e Les voyageurs du XIXe siècle* [Os primeiros exploradores; Os grandes navegantes do século XVIII e Os viajantes do século XIX].

Nessa obra, Jules Verne apresenta uma composição de viagens exemplificando as grandes explorações dos viajantes ao longo dos tempos. Através de uma construção geográfico-histórica, o autor revela sua paixão pela geografia. Sua ficção, em grande parte ancorada no espaço geográfico, ali acolhe o tema da 'viagem', tão recorrente nas composições literárias vernianas.

Para escrever sobre as grandes viagens em seu *Découverte de la terre : Histoire générale des grands voyages et des grands voyageurs*<sup>14</sup>, o autor contou

---

<sup>12</sup> Irmão de Jules Verne.

<sup>13</sup> Tradução nossa em francês. Conforme a publicação traduzida por Maria Luiza Fernandez Garonã: (...) comprei passagens para o *Great Eastern*, o maior navio do momento. Uma para Paul, e outra para mim. Conforme o hábito, minha mulher e as crianças esperariam em Amiens. Afinal de contas, ela não foi tão prejudicada. Os milhares de francos que ganhei com a *Geografia Ilustrada da França* levaram-na ao delírio: renovou e multiplicou seu nada franciscano guarda-roupa... (BENÍTEZ, 1988, p. 206).

<sup>14</sup> Tomo 1 : *Les Premiers explorateurs* (2 vols.), 1870 ; Tomo 2 : *Les grands navigateurs du XVIIIe siècle* (2 vols.) 1879 ; Tomo 3 : *Les voyageurs du XIXe siècle* (2 vols.), 1880. Gabriel Marcel junta-se a Jules Verne a partir do segundo volume. O primeiro é inteiramente feito pelas mãos do autor.

com a ajuda de Gabriel Marcel (1843-1909), célebre geógrafo, conservador-adjunto da *Bibliothèque nationale* e especialista em história da cartografia. Foi graças à ajuda do especialista Marcel, que Verne conseguiu estruturar seu texto, abordando temas que lhe eram estranhos. A respeito desta parceria, Verne informa o leitor na abertura da terceira parte de *Les grands voyageurs du XIXe siècle*:

(...) j'ai appelé à mon aide un homme que je considère à bon droit comme un des géographes les plus compétents de notre époque : M. GABRIEL MARCEL, attaché à la Bibliothèque Nationale.

Grâce à sa connaissance de quelques langues étrangères qui me sont inconnus, nous avons pu remonter aux sources mêmes et ne rien emprunter qu'à des documents absolument originaux. Nos lecteurs feront donc au concours de M. Marcel la part à laquelle il a droit dans cet ouvrage, qui mettra en lumière ce qu'ont été tous les grands voyageurs, depuis Hannon et Hérodote jusqu'aux explorateurs contemporains<sup>15</sup>. (VERNE, 1880, p. 10, 11).

Esse trabalho acerca dos viajantes e das viagens foi realizado entre 1878 e 1880. Um ano mais tarde (1881), ainda em colaboração com Gabriel Marcel, Verne inicia uma trilogia histórica, *Conquête Scientifique et économique du globe* [Conquista científica e econômica do globo]<sup>16</sup>. A obra permanecerá inacabada e é ainda inédita em 2021, segundo Daniel Compère (2005, p. 23).

Em 1873, Verne compõe *Les méridiens et le calendrier*<sup>17</sup> [Os meridianos

<sup>15</sup> Tradução nossa: (...) chamei uma pessoa para me ajudar que considero legitimamente como um dos geógrafos mais competentes de nossa época: Senhor GABRIEL MARCEL, assessor da Biblioteca Nacional. Graças ao seu conhecimento de algumas línguas estrangeiras que para mim são desconhecidas, pudemos remontar às fontes e utilizar somente documentos absolutamente originais. Nossos leitores concederão à colaboração do Senhor Marcel o destaque que lhe é de direito nesta obra, que exporá o que foram todos os grandes viajantes, desde Hannon e Heródoto até os exploradores contemporâneos.

<sup>16</sup> A obra é composta por três partes: *Les Vieux Continents* [Os Velhos Continentes], *L'Ancien Monde* [O Mundo Antigo] e *Le Nouveau Monde* [O Novo Mundo]. *Le Nouveau Monde* tem 72 desenhos de Léon Benett, *L'Ancien Monde*, 29 desenhos de George Roux e a parte *Les Vieux Continents*, não é ilustrada. O material pertence hoje ao fundo da editora Hachette.

<sup>17</sup> A publicação do texto de Verne se dá, primeiramente, no *Journal officiel de la République française*, nº 101 du 12 avril 1873, p. 2569-2570. Cf. : *En dernière minute*, 2013.

e o calendário] com a ajuda de seu amigo e matemático Joseph Bertrand, obra que apresenta um estudo histórico e geográfico no qual Verne discorre acerca dos meridianos. Após a publicação do romance *Le Tour du monde en quatre-vingts jours* (1872) [A volta ao mundo em oitenta dias], a *Société de géographie*, em sua reunião de 4 de abril de 1873, convidou Verne para proferir uma conferência respondendo à questão levantada por dois engenheiros, sobre qual seria o meridiano em que ocorre a passagem de um dia ao dia seguinte para um viajante concluindo a volta ao redor do mundo. Após algumas considerações sobre a história da geografia, ligada à datação dos descobrimentos, ele ali explica que o meridiano 180, contado a partir do meridiano 0, é utilizado como meridiano compensador na regulação dos cronômetros de bordo e cita a carta que seu amigo matemático Joseph Bertrand lhe enviara para resolver esse problema.

Através de exemplos tirados do cerne da obra verniana, desejamos atentar aqui para o fato de que a documentação reunida e absorvida por Verne não lhe serviu apenas para criar composições romanescas ou nutrir questões de crítica literária - como ao analisar as obras de Edgar Poe, mas que o autor se utilizou, sim, de informações e estudos diversos para criar obras de cunho enciclopédico, de caráter científico e educativo.

Além dos documentos, pesquisadores e técnicos que Verne consultava para produzir sua obra literária e extraliterária, alguns eventos de grande porte também foram de grande relevância para documentar o autor em sua construção romanesca. Palco de grandes invenções e mostras embrionárias, um evento de proporções internacionais foi fundamental para a construção da obra verniana, as *Expositions Universelles* [Exposições Universais].

#### **4 EXPOSITIONS UNIVERSELLES E OBRA VERNIANA**

De Londres em 1851 a Dubai em 2021 (esta prevista para outubro), as Exposições Universais se constituem em grandes eventos internacionais, cujo objetivo é a educação do público, a promoção do progresso e a cooperação. Elas são realizadas pelo menos a cada cinco anos, por um período de cerca de seis meses, oferecendo uma audiência internacional às nações participantes e sendo uma poderosa vitrine econômica para o país anfitrião. Uma exposição universal é o mostruário tecnológico, industrial e artístico de um país, aberta para o mundo inteiro. O país anfitrião acolhe outras nações em seu território, dando-lhes a oportunidade de mostrar suas últimas novidades. Os expositores são os Estados, o setor privado e a sociedade civil. Com as *Exposições Universais*, profissionais das áreas da ciência, das artes e da indústria podem apresentar ao grande público suas invenções (finalizadas ou mesmo em fase inicial), de modo a contribuir para o desenvolvimento cultural e tecnológico de suas nações. No final do século XIX e início do século XX, as Exposições Universais alcançaram um enorme sucesso e moldaram notavelmente a face da capital francesa.

O evento foi criado em 1851, na Inglaterra, pelo príncipe Albert, esposo da Rainha Vitória, com a intenção de vulgarizar os conhecimentos e pesquisas em andamento. O evento ficou tão conhecido que o imperador francês Napoleão III sentiu-se impressionado e decidiu criar uma versão francesa das Exposições Universais, que aconteceria em Paris alguns anos mais tarde, em 1855. A rivalidade que existia entre os dois países fez com que o imperador francês desejasse uma Exposição Universal abrangente, mostrando a grandeza da França em suas invenções e tecnologias. Não demorou muito para que Napoleão III encomendasse outras edições do evento nos anos subsequentes.

Júlio Verne manteve algum tipo de contato com as Exposições Universais parisienses de seu tempo (1855, 1867, 1878, 1889, 1900), evento que funcionava como um produto chamativo para a imaginação tecnológica. A



Exposição mais relevante para nosso estudo é a de 1867, na qual Verne conheceu diferentes trabalhos em andamento.

Naquele ano foram apresentados grandes avanços nos protótipos de submarinos, o que interessaria especialmente o autor.

L'expo de 1867 fit découvrir les premiers sous-marins, comme le Plongeur, testé à Rochefort dès 1863. On y fit des démonstrations de plongée avec scaphandre, dans des «aquariums humains». Fut présenté en particulier le scaphandre autonome de Rouquayrol et Denayrouze, que l'on retrouve un peu amélioré dans *Vingt mille lieux* : l'autonomie bondit de trente minutes dans la réalité à dix heures dans le roman !<sup>18</sup> (LAUNET, 2005).

Verne inspirou-se desses estudos para desenvolver o *Nautilus*, submarino emblemático do romance *Vingt Mille Lieues sous les mers* (1869,1870) [Vinte Mil Léguas Submarinas], que conta a jornada de três naufragos capturados pelo Capitão Nemo, misterioso inventor que percorre o fundo do mar a bordo do seu *Nautilus*, um submarino muito à frente das tecnologias da época. A engenhosidade do escritor se revela no aumento da capacidade de submersão do submarino, que, na realidade, só poderia submergir por trinta minutos. O *Nautilus* tem uma capacidade de submersão de dez horas, o que transcende a realidade da época. O tecido narrativo verniano cria, então, elementos, que vão além das possibilidades reais. Em suas narrativas, por mais irreais que pareçam ser, Verne as aproxima de tal modo da realidade, que confunde o leitor entre real e imaginário.

---

<sup>18</sup> Tradução nossa: A exposição de 1867 fez descobrir os primeiros submarinos, como o Plongeur, testado em Rochefort desde 1863. Foram feitas demonstrações de submersão com um escafandro, em “aquários humanos”. Foi apresentado em particular o escafandro autônomo de Rouquayrol e Denayrouze, que encontramos aperfeiçoado em Vinte mil léguas: a autonomia salta de trinta minutos na realidade para dez horas no romance!



Figura 2: Palácio da Exposição Universal de Paris de 1867. Litogravura de Van Geleyn.  
 Fonte: Bibliothèque Nationale de France/gallica.bnf.fr

Também em 1867, ele se inspirou no aquário gigante contendo mais de 800 peixes apresentado na Exposição para descrever a escotilha do *Nautilus* em *Vingt mille lieues sous les mers*. Foi também na mesma ocasião que os primeiros barcos fluviais fizeram a sua entrada na capital.

De acordo com a teoria da *scientifiction* [cientificção] de Bruno Latour (1992, p. 8), exposta em seu estudo *Aramis ou l'amour des techniques* [Aramis ou o amor pela técnica], a ficção se mescla com a realidade criando um gênero por ele considerado híbrido, o que possibilitaria a junção de temáticas reais com o mundo da ficção. Certamente que Verne se utiliza do que foi chamado de *cientificção* em sua criação, pois, ao se servir de elementos reais na composição narrativa e criar algo a partir do aspecto real, o autor cria uma hibridez, tecida de maneira sutil. Dessa forma, o leitor não experimenta um distanciamento abrupto, levando-o a crer no texto como algo realizável, plausível.

Segundo LATOUR (1992), respondendo à questão sobre qual gênero escolher para operar a fusão entre dois universos que tudo separa – cultura e tecnologia – e três gêneros literários que se ignoram – romance, dossiê burocrático e comentário sociológico –, “a ficção científica é insuficiente, pois as técnicas lhe servem frequentemente como cenário e não como intriga”<sup>19</sup>. A partir desta percepção, podemos inferir que, para Verne, a reunião de documentos e conhecimentos exteriores ao campo literário lhe eram de grande valia para produzir uma criação de caráter plural. Nesse sentido, participar de grandes eventos, como as Exposições Universais, tornara-se fundamental à criação romanesca. Partindo da ideia de que as máquinas, para LATOUR (1992), representam objetos culturais, as Exposições podem representar um lugar de excelência na produção literária verniana, pois, ali se configurava um dos maiores palcos maquinários que o mundo já vira até então. LATOUR (1992) afirma ainda, que “(...) quis oferecer a análise detalhada de uma técnica suficientemente magnífica e espiritual, para convencê-los [os humanistas] de que as máquinas que os cercam são objetos culturais dignos de sua atenção e de seu respeito”<sup>20</sup>.

Sabemos que as máquinas e tecnologias foram de grande relevância para a construção do tecido narrativo no interior da obra verniana; dos balões às naves espaciais, dos submarinos aos trens. Também os personagens ali se comunicam por meio do maquinário, ao longo de suas viagens extraordinárias. A exemplo da importância das máquinas na comunicação entre os personagens, podemos citar o aparato comunicacional criado por *Cyrus Smith* e seus companheiros colonos da ilha Lincoln, em *L’île mystérieuse* (1875) [*A ilha misteriosa*]:

<sup>19</sup> Tradução nossa. Em francês: *La science-fiction est insuffisante, puisque les techniques y servent le plus souvent de décor et non d'intrigue.* (Latour, 1992, p.8)

<sup>20</sup> Tradução nossa. Em francês: (...) j’ai voulu offrir l’analyse détaillée d’une technique assez magnifique, assez spirituelle, pour les convaincre que les machines qui les entourent sont des objets culturels dignes de leur attention et de leur respect. (Latour, 1992, p.8)

Ce fut le 6 février que fut commencée la plantation des poteaux, munis d'isoliers en verre, et destinés à supporter le fil qui devait suivre la route du corral. Quelques jours après, le fil était tendu, prêt à produire, avec une vitesse de cent mille kilomètres par seconde, le courant électrique que la terre se chargerait de ramener à son point de départ.

Deux piles avaient été fabriquées, l'une pour Granite-house, l'autre pour le corral, car si le corral devait communiquer avec Granite-house, il pouvait être utile aussi que Granite-house communiquât avec le corral.

Quant au récepteur et au manipulateur, ils furent très simples. Aux deux stations, le fil s'enroulait sur un électro-aimant, c'est-à-dire sur un morceau de fer doux entouré d'un fil. La communication était-elle établie entre les deux pôles, le courant, partant du pôle positif, traversait le fil, passait dans l'électro-aimant, qui s'aimantait temporairement, et revenait par le sol au pôle négatif. Le courant était-il interrompu, l'électro-aimant, qui, attirée pendant le passage du courant, retombait, quand le courant était interrompu. Ce mouvement de la plaque ainsi obtenu, Cyrus Smith put très facilement y rattacher une aiguille disposée sur un cadran, qui portait en exergue les lettres de l'alphabet, et, de cette façon, correspondre d'une station à l'autre.

Le tout fut complètement installé le 12 février. Ce jour-là Cyrus Smith ayant lancé le courant à travers le fil, demanda si tout allait bien au corral, et reçut, quelques instants après, une réponse satisfaisante d'Ayrton.

Pencroff ne se tenait pas de joie, et chaque matin et chaque soir il lançait un télégramme au corral, qui ne restait jamais sans réponse. (VERNE, 1874, p. 517 et 518).<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Tradução em português de Carla M. C. Renard et Christine Janczur: No dia 6 de fevereiro, teve início a fixação dos postes, munidos de isolantes de vidro e destinados a apoiar o fio que acompanharia a estrada do Curral. Alguns dias depois, o fio estava estendido, pronto para produzir, com a velocidade de cem mil quilômetros por segundo, a corrente elétrica que a terra se encarregaria de reconduzir ao seu ponto de partida.

Dois pilhas tinham sido fabricadas, uma para Granite House, outra para o curral, pois se o curral precisava comunicar-se com Granite House, poderia também ser útil que Granite House se comunicasse com o curral.

Quanto ao receptor e ao manipulador, eles eram muito simples. Nas duas estações, o fio se enrolava sobre um eletroímã, isto é, sobre um pedaço de ferro doce envolvido por um fio. Estabelecida a comunicação entre os dois polos, a corrente, partindo do polo positivo, atravessava o fio, passava pelo eletroímã que se magnetizava temporariamente e voltava pelo solo ao polo negativo. Interrompida a corrente, o eletroímã desmagnetizava-se prontamente. Bastava, portanto, colocar uma placa de ferro doce diante do eletroímã, a qual, atraída pela passagem de corrente, voltava a cair quando a corrente era interrompida. Obtendo dessa forma o movimento da placa, Cyrus Smith pôde muito facilmente fixar a ela uma agulha, disposta sobre um mostrador, que trazia em relevo as letras do alfabeto e, dessa maneira, fazer a comunicação entre uma estação e outra.

Naquele mesmo ano da Exposição Universal de 1867 foram apresentados outros inventos no campo náutico, o que inspirou o autor para a composição de outros romances como, por exemplo, *Une ville flottante* [Uma cidade flutuante], de 1871 ou *L'Île à hélice* [A ilha de hélice], de 1895.

Le romancier, qui se passionna pour les Expositions universelles, fut le contemporain d'innombrables inventions. L'électricité, si matricielle dans son œuvre, était la grande découverte du temps ; des sous-marins avaient été expérimentés aux États-Unis durant la guerre de Sécession, et la conquête du ciel pointait déjà son nez<sup>22</sup>. (KALIFA, 2020).

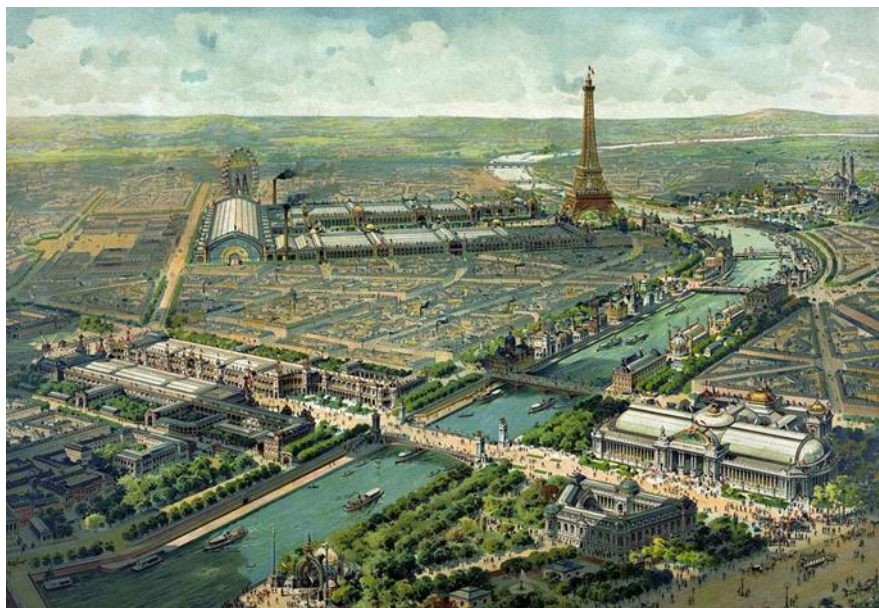
Mais tarde, na Exposição Universal de 1900, foi realizada, às margens do rio Sena, uma grandiosa reconstituição da Paris medieval, chamada *Le Vieux Paris* [A Paris Antiga]. A concepção da atração foi dirigida pelo historiador Albert Robida, que instalou no interior dos imóveis reconstituídos uma documentação intitulada *Gazette du Vieux Paris* [Gazeta da Paris Antiga]. Foram publicadas 14 edições da *Gazette*, a cada duas semanas, durante toda a Exposição. Cada edição era uma verdadeira obra de arte, com diferentes papéis e caligrafias trabalhadas. As publicações contavam a história da cidade, desde os Gauleses até Napoleão. Jules Verne participou do N°1, *Numéro Gallo-romain* [Número galo-romano], de 15 de abril de 1900, com o artigo *L'origine de Paris* [A origem de Paris] e do N°2, *Numéro mérovingien* [Número merovíngio] de 1º de maio, intitulado *Paris capitale*

---

O conjunto foi completamente instalado no dia 12 de fevereiro. Nesse dia, Cyrus Smith, lançando a corrente através do fio, perguntou se tudo corria bem no curral e recebeu, alguns instantes depois, uma resposta satisfatória de Ayrton. Pencroff não cabia em si de contente e, a cada manhã e a cada noite, ele enviava um telegrama ao curral, que nunca ficava sem resposta. (VERNE, 2020, p. 577, 578)

<sup>22</sup> Tradução nossa: O romancista, que se apaixonou pelas Exposições universais, foi o contemporâneo de numerosas invenções. A eletricidade, tão matricial em sua obra, era a grande descoberta do tempo; submarinos estavam sendo experimentados nos Estados Unidos durante a guerra de Secessão, e a conquista do espaço já despontava.

[Paris capital].



Vista panorâmica da Exposição Universal de 1900. Lucien Baylac.

Fonte: Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, DP

A incorporação das tecnologias, das descobertas e reflexões nas deambulações do autor pelas (e para as) Exposições Universais, permitiu a Jules Verne reunir um rico material informativo para a criação do aparato tecnológico de suas narrativas, assim como para a criação de suas lendárias máquinas, cujo detalhamento instigou e fez sonhar tantas gerações, despertando e/ou incrementando o desejo de leitura, permitindo também a aquisição de conhecimentos e a compreensão das questões geográficas, históricas e tecnológicas do século XIX, facilmente digeríveis e popularizados pela escrita de Verne em suas novelas e romances.

## **5 DOCUMENTAÇÃO E CRIAÇÃO ROMANESCA**

Como apontado ao longo de nossa exposição, Jules Verne, além de

conhecedor das mais distintas documentações em circulação à sua época, era um leitor assíduo, curioso, interessado, atento... um leitor confirmado, isto é, um bom leitor! Para além de seu próprio gosto e interesse literário, Verne devorava os mais variados periódicos que assinava, com propósito de se inteirar das novidades científicas, o que lhe favorecia a assimilação de temas que não lhe eram totalmente familiares. A partir das demandas da criação literária ou daquela dos muitos estudos que empreendia, metia-se a estudar os mais diferentes domínios da ciência (formais, da natureza ou sociais) para absorver o conhecimento básico necessário à sua manipulação.

Ao conceder entrevista à jornalista inglesa Marie Belloc, em 1895, Verne afirmou que era um leitor contumaz e que lia todos os tipos de jornais e periódicos que pudessem lhe ser úteis:

Je m'abonne à plus de vingt journaux, et je lis assidûment chaque revue scientifique ; même en dehors de mon travail d'écrivain, je prends plaisir à lire et à entendre parler d'une nouvelle découverte ou expérience dans les sphères scientifique, astronomique, météorologique ou physiologique<sup>23</sup>. (*L'Express*, 1999).

Na mesma entrevista, a jornalista assim testemunha sobre o ambiente da casa dos Verne, na cidade de Amiens, em uma de suas entrevistas com o autor:

Une salle magnifique donne sur la chambre : la bibliothèque de Jules Verne. Les murs sont couverts de rangées de livres, et au milieu une table ploie sous des piles de journaux, de périodiques, de rapports scientifiques soigneusement classés, sans parler d'une collection représentative de revues littéraires françaises et anglaises. Un certain nombre de casiers en carton, qui toutefois occupent peu de place, contiennent les vingt et quelques milliers de fiches remplies par l'écrivain durant sa longue vie.

---

<sup>23</sup> Tradução nossa: Sou assinante de mais de vinte jornais e leio assiduamente cada revista científica; mesmo fora do meu trabalho de escritor, tenho o prazer de ler e de escutar sobre uma nova descoberta ou uma experiência nas esferas científica, astronômica, meteorológica ou fisiológica.

« Dites-moi ce que vous lisez, et je vous dirai qui vous êtes. » Cela constitue une excellente paraphrase d'un bon vieux dicton et pourrait très bien s'appliquer à Jules Verne. Sa bibliothèque est uniquement faite pour servir et non pour se faire valoir, et des exemplaires usagés de ses compagnons littéraires tels que Homère, Virgile, Montaigne et Shakespeare - usagés mais, ô combien, chers aux yeux de leur propriétaire -, des éditions de Fenimore Cooper, Dickens et Scott portent les traces d'une utilisation constante et aussi, dans une reliure plus récente, nombre de romans anglais les plus connus y ont également trouvé leur place. (*L'Express*, 1999).<sup>24</sup>

As leituras de um escritor/leitor forçosamente reverberam em seu banco narrativo. Estar em constante contato com os diferentes tipos de leitura, não só incrementa o desenvolvimento da sensibilidade, como permitiu a Jules Verne incorporar em suas próprias narrativas, e de forma lúdica, o debate de ideias e a evolução técnica de seu tempo.

As *Viagens Extraordinárias* de Verne tiveram um papel formador essencial no século XIX. O filósofo Michel Serres (1974) assim as define: "(...) *Viagens Extraordinárias*: escritos para o uso das crianças, publicavam-se no *Magasin d'éducation et de récréation*, de Hetzel. Crianças de sete a setenta e sete anos, evidentemente. Elas foram para a juventude de algumas gerações o que deve ter sido a *Odisseia* para a juventude grega"<sup>25</sup>; título que encarna a própria

<sup>24</sup> Tradução nossa: Uma sala magnífica dá acesso ao quarto: a biblioteca de Júlio Verne. As paredes são cobertas por fileiras de livros e, ao centro, uma mesa arqueada sob pilhas de jornais, periódicos, relatórios científicos cuidadosamente classificados, sem mencionar uma coleção representativa de revistas literárias francesas e inglesas. Um certo número de caixas de papelão, que, no entanto, ocupam pouco espaço, contêm as mais de vinte e mil fichas preenchidas pelo escritor durante a sua longa vida.

"Diga-me o que você leu e eu direi quem você é." Esta é uma excelente paráfrase de um bom e velho ditado, e poderia muito bem se aplicar a Jules Verne. Sua biblioteca é feita apenas para servir e não para se exibir, e exemplares bem usados de seus companheiros literários tais como Homero, Virgílio, Montaigne e Shakespeare - gastos, mas, quão caros aos olhos de seu proprietário -, edições de Fenimore Cooper, Dickens e Scott contêm as marcas de uso constante e também, em uma encadernação mais recente, muitos dos mais conhecidos romances ingleses também ali encontravam seu lugar.

<sup>25</sup> Tradução nossa. Em francês: (...) *Voyages Extraordinaires* : écrits à l'usage des enfants, ils paraissaient au *Magasin d'éducation et de récréation* d'Hetzel. Enfants de sept à soixante-dix-sept ans, bien entendu. Ils furent à la jeunesse de quelques générations ce que dut être l'*Odyssée* à la jeunesse grecque. (SERRES, 1974, p.13)



metáfora do itinerário humano, segundo Serres<sup>26</sup>. Portanto, o texto verniano nos parece constituir um material literário de relevância em seu próprio tempo, visto a diversidade do público atingido à época, não apenas no que concerne a faixa etária dos leitores, mas os seus diferentes pertencimentos - civilizações, sociedades e línguas pelas quais navegam as narrativas vernianas.

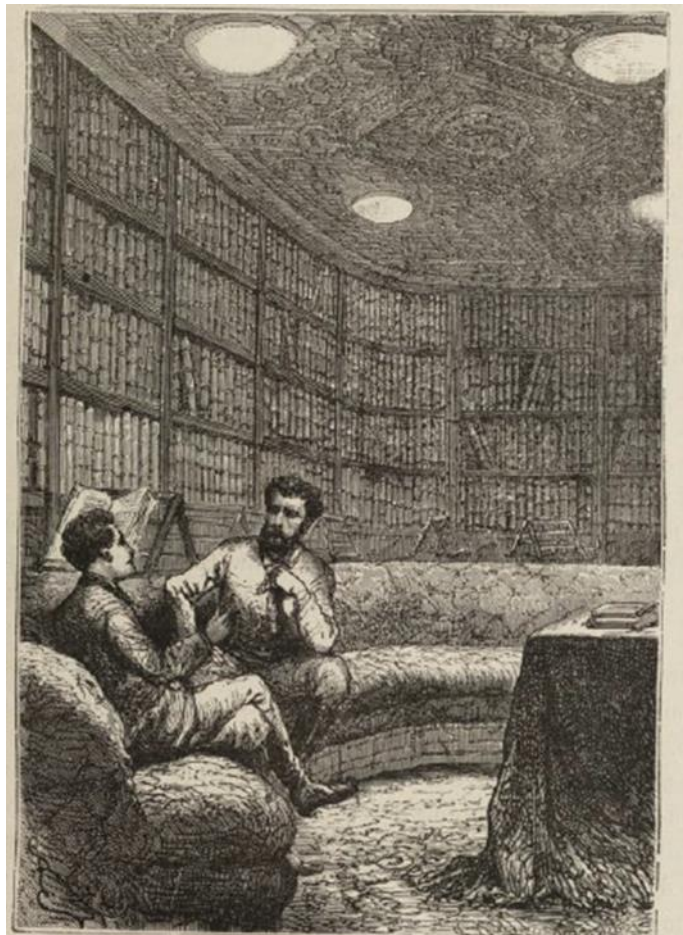
Para construir os romances *De la terre à la lune* (1865) e *Autour de la lune* (1869), por exemplo, Jules Verne se nutre da contribuição estabelecida com o físico e astrônomo Jules Janssen e o matemático Joseph Bertrand, para refazer seus cálculos e para aferir maior exatidão aos mesmos – logo, credibilidade, aos olhos do leitor, às curvas, parábolas e hipérbolas que definiam o trajeto da bala ao vagão-projétil em *De la terre à la lune*.

Em *Vingt Mille Lieues sous les mers* (1869) [*Vinte mil léguas submarinas*], é pela fabulosa biblioteca do submarino *Nautilus* que podemos perceber a importância que representam as diferentes documentações para o autor, espelhadas através do entusiasmo do personagem *Nemo* pelo conhecimento, pela ciência, e pelas artes.

O crítico e especialista da obra verniana, Daniel Compère (2013), assim analisa e corrobora tal afirmação:

---

<sup>26</sup> SERRES, 1974, p. 21



Biblioteca do Nautilus (*Vingt milles lieues sous les mers*) – desenho de Alphonse de Neuville, gravado por Hildibrand, 1871, extraído do interior do romance de Jules Verne. Fonte: [Bibliothèque Nationale de France/gallica.bnf.fr](http://Bibliothèque Nationale de France/gallica.bnf.fr)

Dans le roman de Jules Verne *Vingt mille lieues sous les mers*, le capitaine Nemo présente à Pierre Aronnax son sous-marin le *Nautilus*. Aronnax découvre l'existence d'une bibliothèque de douze mille volumes comportant des « livres de science, de morale et de littérature », puis d'un salon, véritable « musée » qui rassemble « une trentaine de tableaux de maîtres, [...] quelques admirables réductions de statues de marbre ou de bronze, [...] des partitions [...] éparées sur un piano-orgue » et « sous d'élégantes vitrines [...] les plus précieux produits de la mer » (I, XI). Cette description du *Nautilus*, qui occupe un chapitre entier, est l'une de ces scènes où le texte semble se charger d'une fonction d'autoreprésentation : les collections de Nemo, composées d'échantillons naturels (plantes, coquillages, perles) et culturels (livres, tableaux, statues, partitions), ressemblent à la manière dont Jules Verne écrit ses romans en collectant des documents. Comme Nemo, l'auteur a prélevé en différents endroits des éléments divers pour les transformer en texte

et les offrir au regard émerveillé du lecteur<sup>27</sup>. (COMPÈRE, 2013, p. 127).

Nesse complexo e laborioso trabalho envolvendo a documentação (leitura, catalogação, arquivo), um dos processos de criação de Verne está ligado ao fato de o autor adicionar referências em seus textos ficcionais para imprimir maior autenticidade à narrativa, dado que uma autoridade da área estaria sendo referenciada. SERRES (1974) afirma que “Jules Verne (...) jamais hesita em copiar listas, rubricas e enumerações.”<sup>28</sup>

Essas referências podem acontecer de maneira indireta, sugestiva, e até mesmo ser evocadas no corpo do texto, como um conhecimento pertencente aos próprios personagens da trama romanesca. Destacamos o exemplo em *Cinq semaines en ballon* pela referência a James Bruce (1730-1794), importante explorador e escritor escocês que desenvolveu um estudo sobre as descobertas no Nilo, *Travels to Discover the Source of the Nile* [Viagens para descobrir a nascente do Nilo]. No romance, o estudioso é referenciado pelo personagem do doutor *Samuel Fergusson*:

- Les sauvages ne s'en font pas faute, cependant, dit Kennedy.
- Oui, mais ce sont des sauvages, et qui sont habitués à manger de la viande crue ; voilà une coutume qui me répugnerait !
- Cela est assez répugnant, en effet, reprit le docteur, pour que

---

<sup>27</sup> Tradução nossa em português: No romance de Jules Verne *Vinte mil léguas submarinas*, o capitão Nemo apresenta a Pierre Aronnax seu submarino *Nautilus*. Aronnax descobre a existência de uma biblioteca de doze mil volumes comportando “livros de ciência, de moral e de literatura”, depois, de uma sala, verdadeiro “museu” que reúne “cerca de trinta quadros de mestres, [...] algumas admiráveis reduções de estatuas de mármore e de bronze, [...] partituras [...] dispersas sobre um piano-órgão” e “dentro de elegantes vitrines [...] os mais preciosos produtos do mar” (I, XI). Esta descrição do *Nautilus*, que ocupa um capítulo inteiro, é uma destas cenas em que o texto parece se munir de uma função de auto representação: as coleções de Nemo, compostas de amostras naturais (plantas, conchas, pérolas) e culturais (livros, quadros, estátuas, partituras), assemelham-se à maneira pela qual Jules Verne escreve seus romances, coletando documentos. Como Nemo, o autor colheu diversos elementos em lugares distintos para transformá-los em texto e oferecê-los ao olhar maravilhado do leitor.

<sup>28</sup> Tradução nossa. Em francês: Jules Verne (...) n'hésite jamais à recopier des listes, des rubriques, des énumérations. (SERRES, 1974, p.14)

personne n'ait ajouté foi aux récits des premiers voyageurs en Afrique ; ceux-ci rapportèrent que plusieurs peuplades se nourrissaient de viande crue, et on refusa généralement d'admettre le fait. Ce fut dans ces circonstances qu'il arriva une singulière aventure à James Bruce.

- Conte-nous cela, Monsieur ; nous avons le temps de vous entendre, dit Joe en s'étalant voluptueusement sur l'herbe fraîche<sup>29</sup>. (VERNE, 1863, p. 166).

### Compère acrescenta, a propósito de *Vingt Mille Lieues sous les mers*, que

Naturellement, pour décrire les milieux sous-marins, Verne puise dans une documentation scientifique. Certains ouvrages utilisés apparaissent dans le roman sous des formes diverses (...) Verne n'écrit pas des traités scientifiques où la citation est une pratique répandue, et il doit s'efforcer de limiter l'invasion de son texte romanesque par ces emprunts.

Il utilise plus fréquemment cette autre forme d'insertion de connaissances scientifiques qu'est la référence<sup>30</sup>. (COMPÈRE, 2013, p. 130).

Partindo de tal entendimento, o autor deveria ter destreza ao administrar as referências que seriam inseridas no corpo do texto, de modo a não se permitir dominar pelas informações emprestadas aos mais distintos estudos científicos, ao ressignifica-las em sua ficção.

<sup>29</sup> Tradução em português de Daniel Aveline: - Os selvagens não perdem a menor oportunidade – disse Kennedy.

- Sim, mas são selvagens, habituados a comer carne crua; este é um costume que me repugnaria!  
- Isso é muito repugnante, de fato – retomou o doutor –, que ninguém deu fé aos relatos dos primeiros viajantes que vieram à África; estes relatavam que muitos povos se alimentavam de carne crua, e muitos se recusavam a admitir isso. Foram nessas circunstâncias que James Bruce teve uma aventura singular.

- Conte-nos a aventura, senhor, temos tempo para ouvi-lo – disse Joe deitando-se voluptuosamente sobre a grama fresca. (2018, p. 167).

<sup>30</sup> Tradução nossa em português: Naturalmente, para descrever os meios submarinos, Verne recorre a uma documentação científica. Certas obras utilizadas aparecem no romance sob diversas formas (...) Verne não escreve tratados científicos nos quais a citação é uma prática difundida, e ele tem que se esforçar para limitar a intrusão desses empréstimos em seu texto romanesco. Ele usa com mais frequência essa outra forma de inserção do conhecimento científico que é a referência

É possível identificar em *Vingt Mille Lieues sous les mers* a referenciação de vários estudiosos no corpo do texto, como se essas grandes personalidades fossem conhecidas pelos personagens da narrativa. COMPÈRE (2013) atenta para a referenciação ao naturalista e zoólogo alemão Christian Gottfried Ehrenberg, que desenvolveu pesquisas e trabalhos em torno dos invertebrados e protozoários. O naturalista é evocado no tecido da trama, com uma sutil modificação feita por Verne em seu nome:

Si l'on admet l'hypothèse d'Ehremberg<sup>31</sup>, qui croit à une illumination phosphorescente des fonds sous-marins, la nature a certainement réservé pour les habitants de la mer l'un de ses plus prodigieux spectacles, et j'en pouvais juger ici par les mille jeux de cette lumière. De chaque côté, j'avais une fenêtre ouverte sur ces abîmes inexplorés. L'obscurité du salon faisait valoir la clarté extérieure, et nous regardions comme si ce pur cristal eût été la vitre d'un immense aquarium<sup>32</sup>. (VERNE, 1870, p. 103)

Ainda nessa mesma linha de citações referenciais, pode-se igualmente destacar a menção a Charles Darwin em *Vingt Mille Lieues sous les mers*, associando o cientista a nomes fictícios que Verne atribui a diferentes espécies:

En prolongeant à quelques encablures seulement les accords de l'île Clermont-Tonnore, j'admire l'ouvrage gigantesque, accompli par ces travailleurs microscopiques. Ces murailles étaient spécialement l'œuvre des madréporaires désignés par les noms de millepores, de porites, d'astrées et de méandrines. Ces polypes se développent particulièrement dans les couches agitées de la surface de la mer, et par conséquent, c'est par leur partie supérieure qu'ils commencent ces substructions, lesquelles s'enforcent peu à peu avec les débris de sécrétions qui les supportent. Telle est, du moins, la théorie de M. Darwin, qui explique ainsi la formation des atolls, - théorie supérieure, selon moi, à celle qui donne pour base aux travaux

<sup>31</sup> No original em francês o nome do naturalista é de fato modificado, após a manipulação por Verne, no tecido narrativo a grafia do nome figura como *Erhemberg*, com 'm' ao invés de 'n'. Na tradução que se segue, de André Telles, foi feita a opção de se manter o real nome do estudioso.

<sup>32</sup> Tradução em português de André Telles: A admitimos a hipótese de Ehrenberg, que acredita numa iluminação fosforescente dos fundos submarinos, a natureza certamente reservou para os habitantes do mar um de seus mais prodigiosos espetáculos, o qual me era dado contemplar pelos mil jogos de luz. De ambos os lados, eu dispunha de uma janela aberta para esses abismos inexplorados. O salão escuro realçava a claridade externa, e observávamos como se aquele puro cristal fosse o vidro de um imenso aquário. (VERNE, 2011, p. 130)

madréporiques des sommets de montagnes ou de volcans, immergés à quelques pieds au-dessous du niveau de la mer<sup>33</sup>. (VERNE, 1870, p. 142).

Ainda guiados pelos estudos de COMPÈRE (2013), citamos uma outra referência de autoridade científica, a saber, Matthew Fontaine Maury, conhecido como "batedor do mar", "pai da oceanografia moderna e da meteorologia marinha", e que fora diretor do observatório de Washington.

Une heure après, nous avons atteint l'îlot. Deux heures plus tard, nous achevions d'en faire le tour. Il mesurait quatre à cinq milles de circonférence. Un étroit canal le séparait d'une terre considérable, un continent peut-être, dont nous ne pouvions apercevoir les limites. L'existence de cette terre semblait donner raison aux hypothèses de Mauray. L'ingénieur américain a remarqué, en effet, qu'entre le pôle sud et le soixantième parallèle, la mer est couverte de glaces flottantes, de dimensions énormes, qui ne se rencontrent jamais dans l'Atlantique nord. De ce fait, il a tiré cette conclusion que le cercle antarctique renferme des terres considérables, puisque les ice-bergs ne peuvent se former en pleine mer, mais seulement sur des côtes. Suivant ses calculs, la masse des glaces qui enveloppent le pôle austral forme une vaste calotte dont la larguer doit atteindre quatre mille kilomètres<sup>34</sup>. (VERNE, 1870, p. 344, 345).

<sup>33</sup> Tradução em português de André Telles: Percorrendo por algumas centenas de metros os aços da ilha Clermont-Tonnore, admirei a gigantesca cidadela construída por esses operários microscópicos. As muralhas eram especialmente obra das madréporas designadas pelos nomes de corais-de-fogo, porites, astreias e meandrinhas. Esses pólipos preferem se desenvolver nas águas agitadas da superfície e, por conseguinte, é pela sua parte superior que começam esses alicerces, os quais afundam gradativamente com os detritos das secreções que as suportam. Tal é, pelo menos, a teoria do sr. Darwin, que assim explica a formação dos atóis – teoria superior, no meu entender, à que sugere como base para as edificações madreporicas picos de montanhas ou vulcões, imersos poucos metros abaixo do nível do mar. (VERNE, 2011, p. 171)

<sup>34</sup> Tradução em português de André Telles: Levamos uma hora para abordá-la e mais duas horas para contorná-la. Media quatro a cinco milhas de circunferência e um estreito canal a separava de uma extensão de terra, talvez um continente, cujos limites não nos era dado perceber. A existência daquela extensão de terra parecia dar razão às hipóteses de Maury. Com efeito, o engenhoso americano percebeu que, entre o polo sul e o paralelo 60, o mar é juncado de imensos blocos de gelo flutuantes, o que não acontece no Atlântico Norte. Desse fato, e levando em conta que *icebergs* não se formam em alto-mar, mas apenas em litorais, deduziu que o círculo antártico contém terras consideráveis. Segundo seus cálculos, a massa dos blocos de gelo que povoam o polo austral forma uma vasta calota, cuja largura deve perfazer quatro mil quilômetros. (VERNE, 2011, p. 381)

Para Jules Verne, essas referências possuíam uma grande relevância, pois, ao adicioná-las em seus romances, os leitores se deparariam com nomes de cientistas e estudiosos de áreas distintas que eram verdadeiras celebridades. Isso proporcionava um interesse maior pelo texto romanesco, que juntava as informações reais com as construções inventivas do escritor.

As maiores referências que marcaram a construção de *Vingt Mille Lieues sous les mers*, segundo Compère (2013), foram *Les mystères de l'océan* [Os mistérios do oceano] de Arthur Mangin, obra publicada em 1864 e *Le monde de la mer* [O Mundo do mar], de Alfred Frédol, publicada em 1865. No campo da literatura, Verne vai referenciar um dos maiores nomes de seu tempo, ninguém menos que Victor Hugo. Para a produção de seu romance, Jules Verne acessou documentos que também haviam sido utilizados por Hugo:

(...) Victor Hugo et Jules Verne ont une source commune, Denys Montfort, auteur d'une *Histoire naturelle, générale et particulière, des mollusques* (1802) dont un chapitre est consacré aux poulpes et calmars. Ils y trouvent non seulement des éléments descriptifs, mais aussi légendaires, comme le kraken des pays nordiques<sup>35</sup>. (COMPÈRE, 2013, p. 135).

Por meio da análise da obra de Montfort, tanto Hugo quanto Verne puderam ressignificar a documentação em seus romances. No caso de Hugo, tratava-se de *Les travailleurs de la mer* (1866) [Os trabalhadores do mar]. Quanto a Verne, ao desenvolver sua trama, não se privou da menção ao colega de pluma, através de uma declaração do personagem Aronnax, de *Vingt Mille Lieues sous les mers* :

Cette terrible scène du 20 avril, aucun de nous ne pourra jamais l'oublier. Je l'ai écrite sous l'impression d'une émotion violente. Depuis, j'en ai revu le récit. Je l'ai lu à Conseil et au Canadien. Ils l'ont

<sup>35</sup> Tradução nossa em português: (...) Victor Hugo e Jules Verne possuem uma fonte em comum, Denys Montfort, autor de uma *História natural, geral e particular, dos moluscos* (1802) na qual um capítulo é consagrado aos polvos e às lulas. Eles ali encontram não apenas elementos descritivos, mas também legendários, como o kraken dos países nórdicos.

trouvé exact comme fait, mais insuffisant comme effet. Pour peindre de pareils tableaux, il faudrait la plume du plus illustre de nos poètes [sic], l'auteur des *Travailleurs de la Mer*<sup>36</sup>. (VERNE, 1870, p. 397).

Michel Clamen (2005) compara o trabalho documental e enciclopédico de Verne ao que é feito com as modernas ferramentas de busca da contemporaneidade, para fins de constituição de arquivos e bases de dados:

(...) il peut consulter une bibliothèque particulièrement riche. Lisant d'un bout à l'autre quinze périodiques différents, toujours les mêmes, très peu de choses échappent à son attention. Il prend des notes, remplit des fiches... aujourd'hui, il aurait certainement nourri ses propres bases de données<sup>37</sup>. (CLAMEN, 2005, p. 156).

Um outro aspecto da incorporação das referências que mobilizam a documentação verniana (conhecimento de fontes primárias, arquivos etc.), é o uso de temáticas históricas que figuram na composição das tramas. Citamos como exemplo a *Guerra de Secessão* ou *Guerra civil americana*<sup>38</sup>, evento histórico de grande importância que serve como pano de fundo para a construção de *L'île mystérieuse* (1874, 1875), na qual os personagens são apresentados como prisioneiros de guerra dos sulistas americanos e um dos personagens é o décimo oitavo presidente dos Estados Unidos, *Ulysses Grant*.

Nesse tipo de referenciação, se adiciona ao texto ficcional uma história real, que estava, realmente, acontecendo à época, e que poderia ser facilmente

<sup>36</sup> Tradução em português de André Telles: Nenhum de nós jamais esquecerá a terrível cena do dia 20 de abril. Escrevi-a sob influência de violenta emoção. Em seguida, revisei o texto e o li para Conselho e o canadense, que julgaram exato como descrição da realidade, mas insuficiente como arte literária. Para recompor tais quadros, seria preciso a pluma do mais ilustre de nossos poetas, o autor de *Os trabalhadores do mar*. (VERNE, 2011, p. 439)

<sup>37</sup> Tradução nossa em português: (...) ele pode consultar uma biblioteca particularmente rica. Lendo de uma ponta à outra quinze periódicos diferentes, sempre os mesmos, muito pouca coisa escapava de sua atenção. Ele toma notas, preenche fichas... hoje, ele teria certamente alimentado seus próprios bancos de dados.

<sup>38</sup> Guerra civil entre 1861 e 1865 entre os Estados Unidos da América ("a União"), liderada por Abraham Lincoln, e os Estados Confederados da América ("a Confederação"), liderada por Jefferson Davis e reunindo onze Estados do Sul que tinham se separado dos Estados Unidos



identificada pelos leitores através dos fatos aprendidos no dia a dia pelos jornais.

(...) le 24 mars, après avoir fui Richmond, assiégée par les troupes du général Ulysse Grant, ils se trouvaient à sept mille milles de cette capitale de la Virginie, la principale place forte des séparatistes, pendant la terrible guerre de Sécession. Leur navigation aérienne avait duré cinq jours.

Voici, d'ailleurs, dans quelles circonstances curieuses s'était produite l'évasion des prisonniers – évasion qui devait aboutir à la catastrophe que l'on connaît.

Cette année même, au mois de février 1865, dans un de ces coups de main que tenta, mais inutilement, le général Grant pour s'emparer de Richmond, plusieurs de ses officiers tombèrent au pouvoir de l'ennemi et furent internés dans la ville. L'un des plus distingués de ceux qui furent pris appartenait à l'état-major fédéral, et se nommait Cyrus Smith<sup>39</sup>. (VERNE, 1874, p. 16, 17).

Outro exemplo do qual podemos nos servir para validar a referenciação histórica, é a contextualização da narrativa de *Cinq semaines en ballon*, na qual os personagens escolhem o ponto de partida de sua aventura considerando uma grande expedição à África em busca da nascente do rio Nilo, o que de fato ocorre a partir de 1856. É nesse mesmo ano que Sir Richard Francis Burton (1821-1890) e seu companheiro, o oficial do exército John Hanning Speke (1827-1864), partem em missão e com o financiamento da *Royal Geographical Society* [Sociedade Geográfica Real], para explorar as regiões consideradas desconhecidas na África Central. Os exploradores partem de Zanzibar em junho de 1857, e é esse o local escolhido por Jules Verne para iniciar sua trama. Na

---

<sup>39</sup> Tradução em português de Carla M. C. Renard et Christine Janczur: (...) no dia 24 de março, depois de ter fugido de Richmond, cercada pelas tropas do general Ulysses Grant, eles estavam a sete mil milhas da capital da Virgínia, a principal praça-forte dos separatistas durante a terrível Guerra da Secessão. A navegação aérea tinha durado cinco dias.

Eis, aliás, em que circunstâncias curiosas ocorrera a evasão dos prisioneiros – evasão que terminaria na catástrofe que conhecemos.

Naquele mesmo ano, no mês de fevereiro de 1865, numa das vãs tentativas de ataque surpresa do general Grant para se apoderar de Richmond, vários de seus oficiais caíram nas mãos do inimigo e foram detidos na cidade. Um dos mais distintos dentre os que foram capturados pertencia ao estado-maior federal e se chamava Cyrus Smith. (VERNE, 2020, p. 29, 30)

narrativa, os personagens parecem totalmente familiarizados com as atividades dos exploradores:

La ligne aérienne que le docteur Fergusson comptait suivre n'avait pas été choisie au hasard ; son point de départ fut sérieusement étudié, et ce ne fut pas sans raison qu'il résolut de s'élever de l'île de Zanzibar. Cette australe, c'est-à-dire à quatre cent trente milles géographiques au-dessus de l'équateur.

De cette île venait de partir la dernière expédition envoyée par les Grands Lacs à la découverte des sources du Nil.

Mais il est bon d'indiquer quelles explorations le docteur Fergusson espérait rattacher entre elles. Il y en a deux principales : celle du docteur Barth en 1849, celle des lieutenants Burton et Speke en 1858<sup>40</sup>. (VERNE, 1863, p. 17, 18).

Municiado de todo tipo de documentação (arquivos, estudos, leituras, colaborações, etc.), Verne a digeriu e transformou no empreendimento titanESCO de sua criação romanesca. Através de um trabalho metódico, regular e detalhista, ele publicou, invariavelmente, dois romances ao ano, não iniciando-os, jamais - segundo ele -, sem conhecer o início, o meio e o fim de suas tramas e suas viagens extraordinárias (cf. Entrevista a Marie Belloc).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de um centenário após a morte de Jules Verne, sua obra permanece viva e instigante, em diálogo com a contemporaneidade, e permitindo todo tipo

---

<sup>40</sup> Tradução em português de Daniel Aveline: A linha aérea que o doutor Fergusson pretendia seguir não havia sido escolhida ao acaso; seu ponto de partida foi seriamente estudado, e não foi sem razões que ele decidiu levantar voo da ilha de Zanzibar. Essa ilha, situada junto à costa oriental africana, encontra-se em seis graus de latitude austral, isto é, a quatrocentas e trinta milhas geográficas abaixo do Equador.

Dessa ilha havia pouco partira a última expedição enviada aos Grandes Lagos para a descoberta das fontes do Nilo.

Mas é de bom-tom indicar entre quais explorações o doutor Fergusson pretendia fazer uma conexão. Há duas principais: a do doutor Barth em 1849, e a dos coronéis Burton e Speke em 1858. (2018, p. 22)

de leituras, adaptações e expressões artísticas. Seus textos romanescos espelham o seu tempo e evidenciam e interpelam o progresso tecnológico. Mais do que uma volta ao mundo, uma viagem até a Lua, ao centro da Terra, ou pela savana africana, com os mais diferentes meios de transporte e as mais variadas técnicas, a obra verniana convida o leitor de *Voyages extraordinaires*, ‘dos sete aos setenta e sete anos’ de idade, a percorrer o itinerário humano, como propôs Serres (1974, p.21). Como em toda viagem, ali é questão de congregar e harmonizar conhecimentos, cuja vasta documentação reunida pelo autor será material incontestável para a composição do tecido narrativo.

Viajante e navegador ele mesmo, as reais viagens de Verne, pela terra ou pelo mar, foram tão extraordinárias quanto a sua produção literária. Viajar para escrever; escrever é viajar e requer um trabalho exigente e apaixonado para assegurar uma produção literária constante e regular. Assim, ele cria um mundo próprio, extraordinário e fraternal, aberto sobre o imaginário e de uma ‘possante semelhança com o real’.

Como dizia o químico francês Lavoisier (1743-1794), “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. O que Verne utiliza em sua construção ficcional não é somente fruto da imaginação criativa, mas é também resultado de sua erudição, de sua constante relação com a sociedade de seu tempo, de um trabalho de cunho investigativo minucioso, cuja junção de dados, leituras, informações e conhecimentos múltiplos, cria uma perspectiva inovadora ao ressignificar o material intelectual, como num jogo, ao serviço da ficção.

Existe uma tensão entre a interpretação de Jules Verne enquanto autor de ficção científica e a perspectiva em que ele é *metteur en scène* de possibilidades de existência permitidas pela tecnologia. Essa tensão, nos parece, pode ser resolvida ao considerarmos o marco da noção de progresso. Tal noção é encarnada, de maneira exemplar, pelas *Expositions universelles*, que reúnem, ao mesmo tempo, uma vitrine tecnológica e uma viagem em torno do planeta.

Lembramos que foram incluídos e exibidos nas exposições universais, também os diferentes povos do mundo e suas tantas particularidades. Um tal programa é aquele de uma documentação universal e pública, que cria uma base para o imaginário moderno na ficção verniana. Nesse sentido, Jules Verne seria um representante da ideologia do progresso em sua dupla face: aprofundamento de conhecimentos e exploração sistemática do mundo.

### REFERENCIAS

BADOUREAU, Albert. *Le Titan moderne*. Notes et observations remises à Jules Verne pour la rédaction de son roman 'Sans dessus dessous'. Paris/Nantes : Actes Sud/Ville de Nantes, 2005.

BENÍTEZ, J. J. *Eu, Júlio Verne*. Trad. Maria Luíza Fernandez Garonã. São Paulo: Editora Mercuryo 1988.

CLAMEN, Michel. *Jules Verne et les sciences*. Paris : Éditions Belin / Humensis, 2017.

COMPÈRE, Daniel. *La Science du romanesque de Jules Verne*. Bibliothèque du Rocambole / Magasin du Club Verne – 4. Amiens : Encrage Édition, 2013.

EN DERNIÈRE MINUTE, Bulletin de la Société Jules Verne nº 182, 2013, p.81.

KALIFA, Dominique. *Jules Verne, le prophète scientifique*. National Geographic, 2020.

LATOURE, Bruno. *Aramis ou l'amour des techniques*. Paris : La découverte, 1992.

MUSÉE DES FAMILLES, tomo XXXI, (nº7), ilustr. Frédéric Lix e Yan'Dargent. Abril de 1864.

SERRES, Michel. *Jouvences sur Jules Verne*. Paris : Les Éditions de Minuit, Coll. Critique. 1974.

VERNE, Jules. *A ilha misteriosa*. Trad. Carla M. C. Renard. São Paulo: Martin

Claret, 2020.

VERNE, Jules. *Cinco semanas em um balão*: Viagem de descobertas na África por três ingleses. Trad. Daniel Aveline. São Paulo: Via Leitura, 2018.

VERNE, Jules. *Cinq semaines en ballon*. Paris : Hetzel, 1863/Elcy Éditions, 2015

VERNE, Jules. *Vinte mil léguas submarinas*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

VERNE, Jules. *Vingt mille lieues sous les mers*. Paris : Livre de Poche/Hachette Livre, 1990.

#### REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

*A grande Exposição Universal de 1851 no Crystal Palace*. Disponível em: <http://www.luisaberard.com.br/galerias/galeria-inspiracoes-a-grande-exposicao-de-1851-no-crystal-palace/> Acessado em:14/06/2021;

*Entrevista de Jules Verne à Marie A. Belloc*. L'Express, 1999. Disponível em: [https://www.lexpress.fr/culture/livre/entretiens-de-marie-a-belloc-avec-jules-verne\\_802990.amp.html](https://www.lexpress.fr/culture/livre/entretiens-de-marie-a-belloc-avec-jules-verne_802990.amp.html) Acessado em:26/04/2021.

*Le Vieux Paris de l'Exposition Universelle de 1900*. Disponível em: <https://www.histoires-de-paris.fr/vieux-paris-exposition-universelle-1900/>. Acessado em 14/08/2021.

*L'envers du décor à la Comédie française et à l'Opéra de Paris au XIXe siècle. Cahier bibliographique. Exposition du 28 janvier au 20 mai 2021. Moulins : Centre national du costume de scène et de la scénographie, 2012, p. 55*. Disponível em : <https://www.cncs.fr/sites/default/files/lenversudecor-interactif.pdf>. Acessado em : 18/07/2021.

*L'Exposition universelle de 1867 à la Bibliothèque impériale*. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/blog/17082017/lexposition-universelle-de-1867-la->

[bibliotheque-imperiale?mode=desktop](#). Acessado em: 15/06/2021.

*Jules Verne : L'arsenal du rêve* par Édouard Launet, 2005. Disponível em : <https://www.liberation.fr/culture/2005/03/21/jules-verne-l-arsenal-du-reve-513605/>. Acessado em: 26/04/2021.

*Jules Verne : les dates essentielles*. Disponível em [https://www.cite-sciences.fr/archives/francais/ala\\_cite/expositions/jules\\_verne/bio/biographie.html](https://www.cite-sciences.fr/archives/francais/ala_cite/expositions/jules_verne/bio/biographie.html). Acessado em: 01/07/2021.

*Musée Jules Verne de la ville de Nantes*. Disponível em: <https://julesverne.nantesmetropole.fr/home/approfondir/la-vie-et-loeuvre-de-jules-verne.html>. Acessado em:18/07/2021.

*Musée Jules Verne. Les œuvres de Jules Verne*. Disponível em: <https://julesverne.nantesmetropole.fr/home/approfondir/les-oeuvres-de-jules-verne.html#article>. Acessado em: 06/07/2021.

*Palais de l'Exposition univeselle de 1867: [estampe]*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530270348.r=exposition%20universe%201867?rk=214593;2#>. Acessado em: 07/07/2021.

*Presidents. Ulysses S. Grant. The 18th president of the United States of America*. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/ulysses-s-grant/> Acessado em: 29/06/2021.

*Quelques repères chronologiques sur la vie de Jules Verne (1828-1905)*. Disponível em: <https://julesverne.nantesmetropole.fr/home/approfondir/la-vie-et-loeuvre-de-jules-verne.html#article>. Acessado em: 01/07/2021.

*Rien ne se perd, rien ne se crée*. Disponível em: <https://www.quebecscience.qc.ca/14-17-ans/encyclo/rien-ne-se-perd-rien-ne-se-cree/>. Acessado em: 04/07/2021.

Scheinhardt, Philippe. *Jules Verne : un processus d'écriture sous contrainte*. Disponível em:

<https://doi.org/10.4000/genesis.636>, p. 173-186. Acessado em:18/07/2021.

*Sir Richard Francis Burton, 1821-1890.* Disponível em: [https://library.princeton.edu/visual\\_materials/maps/websites/africa/burton/burton.html](https://library.princeton.edu/visual_materials/maps/websites/africa/burton/burton.html). Acessado em:14/08/2021;

*Sous la direction d'Albert Robida. La Gazette du Vieux Paris.* Disponível em: <https://blog.paris-libris.com/sous-la-direction-dalbert-robida-la-gazette-du-vieux-paris/>. Acessado em: 14/08/2021.

Recebido em 15/08/2021.

Aceito em 06/10/2021.